

A PRODUÇÃO CIENTÍFICA FAVORÁVEL À HUMANIZAÇÃO DOS NOVOS TEMPOS*

Rejane Silva Alves dos Santos**

Resumo

A produção científica textual nas ciências sociais, a partir do paradigma cultural, é enfatizada, neste artigo, enquanto exercício acadêmico, colocada a questão a respeito da objetividade e cientificidade tão exigidas pela academia, contradizendo sua razão prático-social. Por vezes, eliminando o sentido verdadeiro de fazer ciência.

1 INTRODUÇÃO

O artigo científico, como trabalho acadêmico, é um exercício de articulação das teorias estabelecidas e reconhecidas pela academia, com os esboços intelectuais, com as idéias, que vão se formulando na mente e na prática do novo pesquisador. Já se espera, entretanto, que o produto revele a nova possibilidade, a novidade científica. De qualquer modo, deverá transcender a simples retórica.

Este artigo, que é um exercício, tem a pretensão de tratar da produção textual acadêmica. A escolha deste tema equivale a uma primeira inserção concreta no que deve se tornar o meu projeto de pesquisa. Nele, pretendo tratar tanto sobre a produção do texto científico, quanto sobre sua disseminação e aproveitamento.

Não estou pretendendo, aqui, apresentar diretrizes para a construção de um artigo científico, nem de apresentação do projeto, mas de formular uma discussão crítico-metodológica, em função do objeto que me proponho estudar. O percurso para esta abordagem já está delineado. Estou partindo dos conteúdos trabalhados na disciplina Métodos de Pesquisa Social, ministrada pelo professor Rolando Lazarte, e fugindo - como nos sugerem alguns dos autores pelos quais incursionamos em nossas leituras - de qualquer enquadramento que limite *o artesanato intelectual*.

A escolha temática já pressupõe o emprego de alguma metodologia. A partir do tema já é possível formular uma razão pragmática para sua abordagem, uma possível contribuição à produção acadêmica. Portanto, já estão determinados o ponto de partida e o ponto de chegada.

Como a idéia é mesmo pensar sobre a produção científica no campo das ciências humanas, onde mais se revela polêmica a questão da cientificidade, proponho, de início, uma sucinta investigação em torno da razão científica.

* Trabalho final da disciplina Métodos de Pesquisa Social no período 96.2.

** Aluna do Mestrado em Biblioteconomia da UFPb.

2 REFLEXÕES ACERCA DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO

No século XVIII, século do Iluminismo, o criticismo kantiano já colocava a questão do saber, pensando de que modo conhecemos aquilo que podemos conhecer. Conhecemos à medida que observamos as formas e categorias que, a princípio, envolvem o dado, e que permitem ordená-lo e conhecê-lo. O positivismo, tendência filosófica que se formou a partir da Teoria do saber, dissemina-se então através de todas as ciências. É assim que, no século XIX, nasce a Sociologia.

Dando-se então, dessa forma, o primeiro passo nos estudos das relações sociais.

É um lugar comum, mas não vemos como escapar dele, dizer que a nascente sociologia, premida pelo desejo de se tornar uma ciência como as naturais, adotou o paradigma destas, isto é: a concepção do mundo como um todo obediente a leis que podiam ser enunciadas de maneira clara e distinta; a fé na possibilidade de obter, por esse meio, um conhecimento da realidade tal como ela é, objetivo, com total independência de juízos de valor de caráter teleológico, conhecimento que permitiria prever - e assim controlar - a ocorrência de fenômenos (LAZARTE, [199?], p. 7).

Desde o século XVIII, sobretudo nas sociedades ocidentais, nossa forma de conceber o mundo parte de uma visão mecanicista-materialista, resultado do desenvolvimento das ciências e conseqüente declínio religioso. A partir daí, o conhecimento científico é o que passa a valer.

A ciência, tentando compreender a vida e o homem, estabelece-se como a única descrição legítima do universo. O conhecimento científico, único verdadeiro, reduz todos os fenômenos à interação de forças ou entidades materiais. Tudo pode ser explicado por esta lógica.

O homem até pode ter uma visão transcendente, mas aí ele estará rompendo com o conhecimento “objetivo e real”. O que vale, a partir de então, é o argumento científico; tanto que o lado subjetivo do homem se mantém como uma existência paralela, oculta, vislumbrado um pouco pela filosofia, um pouco pela religião.

A revolução científica, iniciada por Copérnico, continuada por Kepler e Galileu, chega ao seu grande momento com a Teoria Mecânica de Newton - a compreensão da dinâmica dos corpos celestes. Com esta teoria, mesmo tentando-se eliminar todas as forças imateriais, constata-se que a gravidade introduz uma interação entre os corpos sem qualquer mediação mecânica.

Na segunda metade do século XIX, surge a Teoria da Eletricidade. E a explicação para o fenômeno elétrico faz valer a idéia de campo de força em lugar da matéria. Difícil compatibilizar tal explicação com a concepção materialista. Não há matéria para propagar a força.

Até fins do século XIX, o átomo era considerado partícula indivisível da matéria, até que surge a Teoria Atômica. O fenômeno da radioatividade muda todo o panorama. O paradigma newtoniano, no entanto, só é derrubado no início de nosso século, quando surge uma nova teoria, idealizada para explicar o comportamento dos constituintes últimos da matéria - a Mecânica Quântica.

As entidades que esta nova teoria descreve nada têm a ver com a percepção de nosso sentido comum. Os constituintes últimos da matéria (“quarks”, “leptons”) são entidades sem dimensão. Mais do que isso, a Mecânica Quântica abandona as leis deterministas que regiam a antiga Física.

Os processos mentais, o nosso conhecimento, passam a ser encarados significativamente. As novidades da nova teoria são a relatividade, pondo fim aos conceitos de tempo e espaço absolutos e independentes; a velocidade da luz, como constante universal; unificação da matéria e energia em uma só entidade; a variação da massa com a velocidade; a geometrização da gravidade, etc.

Se tentarmos compreender os processos através dos quais se obtém o conhecimento, perceberemos que o determinismo, tal como delineado pela concepção materialista, fica perdido diante a nova revolução científica. As leis não são mais deterministas, no sentido mecânico, mas

probabilísticas. Pode haver motivação mecânica, mas não é ela que tudo determina.

O fenômeno mais assombroso desse revolucionário processo de mudança de nossa concepção de mundo é que a maioria dos cientistas, no campo das ciências humanas e da vida, adere, ainda, à concepção mecanicista-materialista, que demonstrou ser inadequada até para explicar as características últimas do mundo físico (HERRERA, [?], p.179).

O homem, a cultura, as relações sociais, constituem fenômenos altamente complexos. Cada manifestação social se dá de maneira tão diversa que se tornam quase sempre imprevisíveis. De modo algum, portanto, pode a ciência tentar traçar caminhos para os homens. Sua contribuição se dá muito mais no campo do conhecimento, da compreensão, como quis Max Weber. Não cabe à ciência eliminar fatores da complexidade humana em prol de uma qualquer objetividade ou cientificidade.

Na base de todas as ciências, mas também das ciências sociais, está o fundamento filosófico. Esta raiz se forma a partir de imagens, idéias e valores, sem os quais a ciência jamais poderia existir. Este caráter subjetivo, próprio da humanidade, integrado às ciências sociais, perfaz um caminho bem diferente do que propunham os positivistas.

A realidade, segundo o paradigma cultural, é formada pelas relações humanas e sociais, sem que se perca de vista o ser subjetivo que subjaz qualquer interação. Sem perder de vista, nem mesmo, o sujeito que se percebe na ação de observação da realidade mesma - a si próprio portanto.

A sujeição do conhecimento ao velho paradigma desmonta o princípio da ciência verdadeira na busca de conhecer. Freia a criatividade, elimina o sentido, aliena, desencanta e funda raízes de uma árvore sem seiva. O que é possível conhecer sobre a vida, sobre relações sociais, sobre fatos, fenômenos, situações engendradas pelo homem, que se possa prescindir dele como ser vivo, atuante, dono de sua singularidade?

Durkheim, filósofo francês, que sistematizou a Sociologia e foi pioneiro em seu ensino, concebia a sociedade como uma conjunção de indivíduos singulares. Para ele, a *consciência coletiva* conjunto de sentimentos e crenças comuns à média dos membros de uma sociedade, é que modela as instituições políticas, as idéias morais e religiosas, e as categorias lógicas do pensamento. Esta consciência coletiva se realiza nos indivíduos. Na concepção de Durkheim, as características pessoais, as consciências individuais, não se explicam por fenômenos coletivos.

No mundo conturbado em que vivemos, no entanto, mal conhecemos a nós mesmos e, constantemente, surpreendem-nos as nossas imprevisibilidades. Tudo está em crise. A própria ciência está em crise. A produção científica nem por isso fica suspensa. É uma fase de incertezas, de insegurança que se reflete fora, mas também dentro da academia.

Tudo está sendo posto à prova. Mas não desde agora. Estamos concluindo um século em que, com a expansão tecnológica, o desenvolvimento capitalista está levando a humanidade a um porvir incerto e extremo. Com ela, o conhecimento científico, os grandes paradigmas, as bases lógicas, os alicerces.

O homem, na sociedade capitalista, é uma variável como as outras. Transformou-se em mercadoria. Também seu tempo, seu espaço, seu que-fazer. Está entre outros semelhantes como um mecanismo sempre direcionado a um fim estranho, fora dele. A sociedade mecanizou-o, e processo de resgate de si próprio se distancia cada vez mais de sua realidade.

Pensar a produção científica sob este prisma é um desafio instigador.

3 INFORMAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA (ICT) E DESENVOLVIMENTO REGIONAL

Devo abordar em meu projeto a relação *produção científica/desenvolvimento regional* no contexto brasileiro. É algo que, de certa forma, muito me inquieta. Como atualizar o fuso horário de regiões que foram deixadas para trás com o ritmo alucinante imposto pelo desenvolvimento científico e tecnológico, configurado dentro de um modo de produção capitalista? Neste caso, a idéia de atraso, que se afigura tão apropriada no discurso neoliberal, não está, evidentemente, livre de um condicionamento crítico.

É ingênuo pensar que fazer ciência está diretamente relacionado a buscar uma melhor qualidade de vida? E, conseqüentemente, tentar amenizar desigualdades? A que fim deve servir, afinal, o nosso esforço acadêmico?

O mundo está dividido em regiões centrais e periféricas, de acordo com a sua produção econômica e social. Através dos meios e das relações de produção, fundamenta-se historicamente o processo social. Assim é que, como única engrenagem, todas as regiões do mundo são influenciadas pela relação dominação/submissão. E o indicador de desenvolvimento dos tempos atuais, sem dúvida, é a informação científica e tecnológica.

A informação ganha mundo, tornando-se centro de atenção das grandes nações. Quanto mais se investe em informação científica e tecnológica, mais hegemonia se consegue. Cada vez mais distante se torna a possibilidade de alinhamento, de igualdade social. Quanto mais ricas se tornam as regiões centrais, mais miseráveis e dependentes se tornam as periféricas.

A visão economicista apresenta a boa qualidade de vida, as vantagens de um mundo onde impera a alta tecnologia, embora, neste quadro, não se pergunte sobre o homem. É pouco provável que deseje interferências “humanistas” em suas análises. Então, esforço-me para pensar em *desenvolvimento regional* através do que me ditam outros profetas. E me pergunto, estranhando, onde está o homem?

Será possível compreender como se processa a distribuição de riqueza, ao ponto de gerar tanta miséria para uns, tanta opulência para outros? O Brasil hoje conta com diversas unidades de pesquisa; mantém suas universidades, seus pólos industriais; produz tecnologia, mas onde está o Brasil?

Sabemos que não é a ciência que solucionará os problemas do mundo. De fato, mostrará caminhos, possibilidades, porque deseja ver e entender. Poderá nos ajudar, mas são as nossas escolhas que fundarão os novos significados.

A questão da distribuição de riquezas neste país é um problema ou uma peculiaridade, dependendo de quem o encara. Para um grande empresário, a situação não parece ser tão dramática quanto para um trabalhador do campo ou da cidade, desprovido dos meios de produção.

Parece sem sentido a condição de miséria em que vive a maioria do povo brasileiro! Se pensarmos, no entanto, na dependência econômica em que vive o Brasil hoje, o sentido se torna evidente. O que acontece dentro do país, é reflexo de seu processo histórico, reflexo do que acontece lá fora. O imenso e rico Brasil é periferia do mundo.

Particularmente, com relação ao Nordeste, condicionado ao estado de periferia da periferia, a produção científica e tecnológica, ínfima, é exportada para as regiões centrais. Por razões político-econômicas, portanto, ainda prevalecem, a fome, a seca, as endemias, a miséria social.

A distribuição da informação científica e tecnológica no país segue a mesma trilha do capital, deixando aparentes as desigualdades regionais. A disparidade na distribuição de informação, como é apresentada por Vânia Araújo (1985), revela-nos que, enquanto o Nordeste tem 3,8% dos serviços de informação tecnológica, o Sudeste possui 67% destes serviços.

A circulação interna dos bens econômicos e culturais, através das vias de transporte e dos meios de comunicação, parte desses polos dinâmicos para suas regiões periféricas, voltando às chamadas **core regions** sob a forma de riqueza e poder (ARAÚJO, 1985, p.18).

O sentido de cooperação internacional que é bem difundido no mundo hoje, sobretudo com relação aos países do Terceiro Mundo, tem sua razão de ser quando intenta tirar a diferença do atraso. Também uma política nacional de informação produziria mudanças requeridas nessa área dentro do país. O que não é possível é continuar a esperar que as medidas governamentais venham solucionar questões geradas pelos próprios governos, descomprometidos com o povo, com o aspecto social.

Na onda do neoliberalismo, ou do capitalismo desvairado em que nos encontramos, nestes tempos de *globalização*, é mais do que certo que a sociedade terá que decidir o seu rumo. Está mais do que na hora de garantirmos com nossas pesquisas, com nosso empenho acadêmico, um novo vislumbre científico, a possibilidade de nos voltarmos para os nossos problemas com olhos verdadeiramente clínicos.

4 O CARÁTER PRÁTICO-SOCIAL DA PESQUISA ACADÊMICA

Assim como nos chegam as “caixas-pretas”, resultado de transplantes informacionais - os pacotes de tecnologia transferida de regiões centrais -, assim também nos condicionamos em nossa produção, no que diz respeito à razão de nossas pesquisas e à forma descomprometida (ou comprometida demais com a academia) de formular soluções para problemas reais.

Se pensarmos que nossos trabalhos têm uma razão maior do que a apreciação valorativa das avaliações e publicações; se enxergarmos mais à frente, tentando perceber o alcance prático-social das pesquisas acadêmicas, então perceberemos a inocuidade de alguns esforços. Apesar do empenho, pecando por falta ou por excesso, para que serve tanta pesquisa? Será que produzimos tão insuficientemente? Será que a nossa contribuição é sempre nula? Não é necessário manter a esperança nas mudanças a partir de nossos propósitos?

Mal se gasta com produção científica. Mal se gasta com apoio à pesquisa. A concentração de unidades de pesquisa e de recursos só tem razão de ser para a lógica capitalista. Só por esta lógica se pode compreender e explicar a desnutrição ainda como um dos maiores índices de mortalidade infantil; os surtos endêmicos na entrada do terceiro milênio; a explosão de violência que atinge as cidades, tornando pavorosa a vida urbana; os grandes latifúndios num país de terras férteis, em que a maioria de sua população permanece com as migalhas.

Transcender o dado é propósito de toda pesquisa. As transformações sociais, as revoluções desejadas, estão todas por acontecer. É presumível que tudo esteja em nossas mãos. “Escute o seu *diamond!*”, sugere-nos Max Weber. São as nossas escolhas.

O *desencantamento do mundo*, no entanto, é um obstáculo para as idéias próprias. Até que ponto este problema não é sugerido por algum significado já, de certa forma, predito? E os profetas fora de nós ditam as normas, os métodos, a ciência sem alma. Somos levados por razões fora de nós.

Neste sentido, penso nas reflexões dos grandes sociólogos, tentando vislumbrar com eles, ou a partir deles, tal problema. Durkheim, por seu lado, considera que os fatos sociais só podem ser estudados cientificamente se forem encarados objetivamente, porque nunca alcançaríamos a compreensão de nossa subjetividade. Max Weber não deixaria de vislumbrar a si próprio, sujeito

que observa. As idéias, imagens e valores fazem parte do processo científico. Ficaria então entre objetividade e subjetividade, considerando as razões para a escolha do objeto. Karl Marx, quando pergunta pelo homem, suscita um desejo de virada, em que os dominados passem a assumir o poder. Para Georg Simmel, o conflito existe como humo social - um mal necessário. E o conflito é presente em qualquer interação social, assimétrica por natureza.

Aprendemos com os conflitos. Evoluímos com eles.

O mundo hoje com sua interinfluência global, produz disparidades sócio-econômicas drásticas.

As regiões paupérrimas da África e América Latina não estão ilhadas e distantes. A tecnologia despontou para elas no sentido de manter o povo informado de seu próprio atraso. Um pesquisador da periferia da periferia pode estar ligado com *a mais avançada das mais avançadas das tecnologias*, através dos *gatekeepers*, através da *Internet*.

As ciências sociais têm hoje esta pretensão de compreender a complexidade humana e, através de sua análise, concorrer para melhores dias, com o olhar relativista que procura obter, além de resultados, novos significados, fazendo vir à tona, novas atitudes. E, assim, contribuir para a construção de uma nova sociedade, mais justa, mais igualitária.

5 O TEXTO CIENTÍFICO NA PRODUÇÃO ACADÊMICA

O produto científico nas ciências sociais poderá ter sinais de ideologia, porque depende de métodos, teorias e valores que não podem ser descartados do processo. Consciente ou inconscientemente, estamos lidando com sentidos os mais diversos. Sendo assim, deve haver uma escolha por explicitar, ou não, a parcialidade, no sentido de assumir, ou não, uma possível tendenciosidade.

O melhor proveito que podemos tirar de nossos saldos científicos é, provavelmente, o de uma nova visão sobre a complexidade da realidade que vivenciamos. Esse novo olhar reconhece a crise, embora nem sempre seja capaz de compreender ou até de perceber os grandes desfalques, as perdas, suas conseqüências.

Somente de algumas posições de comando ou - conforme o caso - meros pontos de observação, é possível compreender rapidamente, na estrutura racionalizada, as forças estruturais que funcionam no todo, e que assim afetam cada parte limitada do que os homens comuns têm consciência (MILLS, 1980, p.183).

No que se refere a produtos acadêmicos, os artigos científicos, as dissertações, monografias, projetos experimentais, relatórios de pesquisa, enfim, toda a sorte de produção textual constitui um dos canais pelos quais se processa a comunicação científica. Este canal, o texto, requer do estudante-pesquisador a percepção crítica da significação de seu papel social, como membro de uma comunidade intelectual que não pode se omitir nas decisões, por mais distanciada que esteja do poder. “Ninguém está ‘fora da sociedade’; a questão é saber o lugar que se ocupa dentro dela” (MILLS, 1980, p.199).

O tratamento textual, dentro de uma opção dialética, deve considerar uma multiplicidade de sentidos, também com relação aos seus públicos diversos. Vislumbrar a recepção, constituída de seres humanos concretos, enquanto agentes portadores e criadores de cultura. Esta expectativa faz-nos considerar a ação individual e coletiva no meio científico.

A novidade percebida, a partir deste novo olhar, é, por si só, uma revolução. Esta esperança no pesquisador, em fase embrionária, tem significado, visto que, nas palavras de KHUN, “[...] tais homens, sendo pouco comprometidos com as regras tradicionais da ciência normal em razão de sua

limitada prática científica anterior, têm grandes probabilidades de perceber que tais regras não mais definem alternativas viáveis e de conceber um outro conjunto que possa substituí-las” ([?], 122).

6 CONCLUSÃO

A partir de uma análise, de uma aproximação sobre a produção científica discente, esforçando-me por manter a intenção pela *visão caleidoscópica* da realidade, haverá muito mais que o simples objeto diante de mim. Neste sentido, o estudo deverá abrir um leque de perspectivas para a compreensão do que almejo conhecer. “*Em todo conhecer e/ou aprender existe o não-conhecido, o não-aprendido*” (LIRA, 1996, p. 19).

O conhecimento deve garantir a *obra aberta* com relação aos seus registros, aos mecanismos para a sua recuperação, no sentido de indicar-lhe a direção do eterno devenir. Nada do conhecido elimina totalmente o mistério que não é somente enigma. Nem o sujeito se reduz à sua subjetividade nem o objeto se reduz à sua objetividade. Nada acaba aqui. É eterno o recomeçar, o voltar a ver. Nunca será demais o repensar.

Sendo assim, não deve ser impossível coexistir com as incertezas científicas do momento. Melhor mesmo é considerar que além das aparências existe mais um dado. Esta é a característica de nosso tempo - a velocidade do processamento de informações e a crescente percepção da limitação humana em abarcar o todo. Conhecer fragmentariamente tem a peculiaridade do estudo interdisciplinar e a exigência do examinar dialético.

Esta é a saída, ou a entrada, para a produção científica que se volta para o resgate da humanização perdida. Por isso quero chegar mais perto para torná-la semente. Desejo cultivá-la a partir deste prisma crítico-metodológico.

THE AUSPICIOUS SCIENTIFIC PRODUCTION TO THE NEW TIMES HUMANIZATION

Abstract

The textual scientific production at the Social Sciences, through the cultural paradigm, is stressed here, while academic exercise. The question about the objectiv and scientific knowledge, so much demanded on the college contradicting its practical-social reason and, sometimes, removing the true sense to make science, is commented on this article.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Vânia Maria Rodrigues Hermes de. A organização espacial da informação científica e tecnológica no Brasil. *Ci. Inf.*, Brasília, v. 14, n. 1, p. 17-24, jan./jun., 1985.

FORACCHI, Marialice Mencarini, MARTINS, José de Souza. *Sociologia e sociedade leituras de introdução à Sociologia*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1980.

HERRERA, Amílcar O. Capítulo VIII: crise e oportunidade. In: *A grande jornada*. São Paulo: Paz e Terra, [s.d.], p.161-184.

KHUN, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva. p. 67-123. (Coleção Debates).

LAPLANTINE, François. *Aprender Antropologia*. 3. ed., São Paulo: Brasiliense, [1990].

LAZARTE, Rolando. *Max Weber: ciência e valores*. São Paulo: Cortez, 1996.

_____. *Os outros mundos do homem e a Sociologia: a multidimensionalidade do real e o conhecimento científico*. p. 5-10. [199?]. Mimeografado.

_____. A cidadela sociológica: algumas reflexões sobre a ciência, desumanização e transcendência. *Caderno de Textos do MCS-UFPA*, n. 25, jul/1993.

LIRA, José Hailton Bezerra. *Propedêutica à construção do processo didático-pedagógico contextualizado: ensaio interdisciplinar sobre o contexto sócio-histórico-religioso latino-americano e algumas relações com a educação*. (no prelo), 1996, p. 6-21.

MILLS, C. Wright. *A imaginação sociológica*. 5. ed., Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

WEBER, Max. *Ensaio de Sociologia*. 5. ed., Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

ZARUR, George de Cerqueira Leite. *A arena científica*. Campinas, SP: Autores Associados; Brasília: FLACSO, 1994 (Coleção Educação Contemporânea).